

# UM LIBELO QUE DILACERA A IGNORÂNCIA E OS ACOMODADOS DA LITERATURA

*Entrevista concedida ao escritor Fernando Coelho*

*Há esperança para um país que abre delegacias de polícia e fecha escolas?*

Há décadas que o discurso da educação e da cultura não passam de bazófias dos governos. Todos. No município, no estado, na União, educação se restringe a oferecer vagas, uniformes, merenda e transporte. O imaterial, o conteúdo, a visão de mundo, o espírito crítico, o amor pela leitura, a disciplina, a civilidade, tudo o que é mais essencial, não importa, só existe mesmo em umas poucas instituições que contam com educadores abnegados. A profissão não atrai porque é desrespeitada, paga mal, é burocratizada. Escolhe ser professor, no plano geral, quem não se sente confiante em outra ocupação, porque parece fácil lecionar. E o magistério vai degradingolando. O que temos são professores malformados, em escolas que aceitam gente semianalfabeta para ganhar trocados do Prouni, e que cuidarão de formar, depois, alunos praticamente analfabetos que vão buscar vaga no Prouni para frequentar escolas que os aceitem assim mesmo. Por outro lado, as famílias, na maioria, consideram que educar é papel da escola, e deixam nas mãos daqueles mesmos professores medíocres a formação de quem, em última análise, vai conduzir o país daqui a pouco. Que sociedade temos agora? Com as notáveis exceções, as pessoas não cedem lugar para as outras, não se cumprimentam, não aceitam o contraditório, não ouvem, não respeitam. A intolerância é regra. A pretexto de livre manifestação, o que se quer é calar o outro que pensa diferentemente. E, de novo, com as notáveis exceções, os veículos de comunicação não contribuem para modificar coisa alguma. Estão centrados no tripé futebol, sexo e crime.

Quanto à cultura, não vi um deputado sequer, nessa negociata de trocar postos em ministérios por votos para projetos do governo, pleitear o Ministério da Cultura. Ninguém se interessa por um ministério que porcamente recebe e aplica 1% da verba do orçamento federal. Nos estados, a pasta da Cultura é entregue a apaniguados políticos ou a tecnocratas. Técnicos, intelectuais, esses não têm espaço; quando muito, integram conselhos mais ocupados em debater se haverá pagamento de despesas do que em efetivamente definir metas e ações para a cultura. Nos municípios, a história se repete. Os prefeitos têm convicção de que foram eleitos para serem proprietários do município por quatro anos, e nomeiam quem bem lhes convém – não pelo bem da cultura, mas para recompensar quem deu ou ajudou a dar votos.

Trágico. Educação e cultura deveriam estar juntas. Não estão. Andam de mal, olhando cada uma para um lado e sem a consideração para com as pessoas que, no fim, deveriam ser o primeiro motivo da existência desses aparatos político-sociais.

*Você exerceu a presidência da União Brasileira de Escritores. Por que o intelectual brasileiro não tem nenhuma influência mais nas reflexões do Brasil, a não ser em momentos específicos? Por que isso?*

A UBE – União Brasileira de Escritores nasceu para ser uma instituição política. Mas no sentido da política cultural, e não essa ocupação rasteira em que mergulharam os nossos poderes. O propósito da entidade sempre foi, desde as primeiras tratativas para a sua fundação, em 1942, estimular a leitura, defender a liberdade de expressão, proteger os direitos autorais e fiscalizar os atos dos governos relacionados com a literatura, o livro, a leitura. Mas os intelectuais perderam de vista quem são os inimigos. Hoje, não é só o governo que atenta contra os direitos – por exemplo tentando isentar de pagamento de direitos autorais obras destinadas a uso em universidades, como se o autor tivesse que trabalhar de graça para o governo fazer gentileza com o nosso chapéu. Há uma outra entidade, poderosíssima e sem rosto, chamada mercado. Para essa entidade anônima e multifacetada, o que vale é o dinheiro, não o conteúdo. Autores de excelência, icônicos ou novos, não entram espaço para publicar. O pretexto é sempre o mesmo: “precisamos ver se o seu livro vende...”

Como vaticinou Walter Benjamin, a produção literária ficou mais centrada em atender uma classe operária em ascensão, mas que ainda não conseguiu formar juízo crítico – escola de novo! – e consome livros de baixa qualidade. Mesmo assim, é um avanço porque as pessoas estão lendo mais. Mas estão lendo obras de menor qualidade.

Quem define as estratégias de educação, no Brasil, está há algum tempo mais focado em criar uma grade curricular dedicada à ideologia e ao politicamente correto do que em debater mais amplamente as reformas necessárias e a consolidação da língua como base de identidade nacional. Ler ou avaliar obras do passado com os olhos de hoje requer orientação, mediação. Em vez de proibir “Caçadas de Pedrinho”, de Monteiro Lobato, porque numa frase o autor menciona que Tia Nastácia subiu na árvore como uma macaca, em vez de apelar para um suposto atentado contra a negritude, a escola precisa mostrar o contexto de época, explicar o que mudou, analisar sem a cegueira da vingança a sociologia da obra. O que vai acontecer quando se for analisar, nesses termos, a Bíblia, “A Carne”, “Primo Basílio”?

Ah!, sim, os intelectuais. Renato Janine Ribeiro foi para o Ministério da Educação. Não ficou mais do que alguns meses, enredado na burocracia burra do Fies, e teve que sair para dar lugar a um político que não podia deixar o governo.

Será que o que escrevi oferece resposta suficiente para a indagação?

Ah!, sim, os intelectuais. A maioria está mais ocupada em produzir a sua literatura ou a sua arte do que em encetar batalhas contra um inimigo invisível. E, sem inimigo à vista, não há razão para montar um exército. Cada um faz o que pode, individualmente. É um pouco o retrato do nosso momento de país – o coletivo perdeu importância. E os intelectuais, se não têm força coletiva, não são chamados a contribuir.

*A Reforma Ortográfica é indiscutível? Onde há falhas, equívocos e falta de interesse para que ela seja aceita amplamente?*

A reforma não passou de um acordo pífio. Deixou mais exceções do que regras e a aceitação diminui a cada dia – a unificação pretendida não surte efeito porque há muita gente contra ou não tem interesse. Tenho amigos escritores, em Portugal, de quem já ouvi frases como esta: “Que me matem! Não cumpro!”. Do ponto de vista da preservação da língua como elemento fundamental de integração, o acordo não me parece ter ajudado. Porque, simplesmente, não basta deitar regras, mas é preciso estimular a leitura de obras em português e a difusão de conhecimentos entre os países lusófonos. Em Timor Leste, quase já não se fala o português, depois de décadas de virtual proibição da língua pelos colonizadores indonésios. Ao mesmo tempo, maltratada pelos próprios brasileiros – em decorrência da escola paupérrima de que já falei – o idioma vai sendo enfraquecido. Sabemos que a língua é organismo vivo, e que são os falantes quem determina o uso, mas há que existir proteções para a estrutura linguística básica. Vou usar o exemplo do trema. Foi extinto. Pois muito bem. Mas a língua tem critérios para que a letra u seja pronunciada ou não. Duvido que a escola, em geral, esteja ocupada em ensinar essas regras – possivelmente porque até muitos professores não sabem. Em alguns poucos anos, quem saberá se deve pronunciar lingu-iça ou linguíça?

As edições recentes de livros, no Brasil, fazem constar, com jactância, que a linguagem utilizada obedece às regras do acordo ortográfico. Mas ortografia bem cuidada, num grande número de publicações, não ocorre. Escreve-se mal, pelo país afora, inclusive em livros didáticos.

O acordo, com seu fulcro político de tornar o português um dos idiomas oficiais da ONU, precisa mais do que documentos assinados por comandantes. Carece de um movimento ordenado de difusão da língua e dos valores que ela encerra.

*Jornalista, escritor, você tem condições de enxergar os movimentos e as agruras nacionais de maneira mais aguda. Há veredas, vieses, possibilidades do Brasil afastar esta cortina de insanidades, ódios, disparates e posições tão reativas a tudo?*

A primeira coisa é ensinar a ler. Lendo, a gente aprende a desvendar o mundo. Vivemos as experiências alheias e aproveitamos para a nossa vivência. Tenho amigos que participam de movimentos para levar autores às escolas públicas, principalmente nas periferias. Levam seus livros, comentam, ouvem muitas perguntas de alunos, respondem, concordam, discordam, explicam. É um caminho. Pena que não é institucionalizado. A gente sabe das dificuldades enfrentadas pelo Plano Nacional do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas. Mas alguns governos, entidades e pessoas trabalham com esse estímulo à leitura. Nos CEUs, de São Paulo, nas unidades da Fundação Bradesco em vários pontos do país (visitei uma na Ilha do Bananal, e fiquei encantado), em movimentos sociais espalhados pelas capitais, no Programa Escola da Família. Participo de feiras literárias em grandes e pequenas cidades, muitas vezes sem remuneração, mas o meu pagamento é saber que, depois de me ouvirem, algumas crianças, ou até adultos, irão procurar livros ou pelo menos discutir sobre o que eu falei. É um caminho.

Outro caminho é absolutamente individual. Dar passagem, ceder lugar, mostrar-se agradecido, não negar informação nem conhecimento, acolher, compreender. O mundo melhor que eu quero tem que começar no meu ambiente de todos os dias, com a minha participação ativa.

Mas há uma alternativa que se dá no nível da linguagem. Precisamos abandonar o discurso do “nós” e “eles”, essa repartição que vem ocupando o lugar da solidariedade. Não há beleza na divisão, no antagonismo teimoso. Principalmente no grande palco chamado Internet, a raiva precisa ser atenuada. Não dá pra gente modificar a conversa para um amoroso “somos todos”?

*Considera que o politicamente correto aprisiona a espontaneidade do brasileiro? Não é um mau comportamento isso? Ou todos devem se enquadrar?*

Falei há pouco do patrulhamento do que se chama politicamente correto, com o exemplo do Monteiro Lobato, que sofre acusação de eugenia. Falei também da liberdade de expressão e de opinião. E falei do papel da aceitação do outro, nas relações. Estamos na crise das certezas. Muita gente chega a uma conclusão e só essa conclusão vale. E em nome de um torto direito de expressão, tolhe o direito de expressão do outro.

Em contrapartida, não tenho visto manifestação dos que defendem o chamado politicamente correto contra os programas de televisão que apostam no grotesco, no sensacionalista, no fútil, no preconceituoso e no desonesto. As novelas celebram a malícia, o logro, as falcatruas, a infâmia e a rivalidade. Os filmes exalam violência e corrupção. Os jogos de entretenimento têm imagens associadas à morte, à mutilação e à violência. Não tenho visto ninguém se insurgir contra esse comércio de horrores. Mas o Monteiro Lobato, ah! essa figura nefasta, que ensina o preconceito, deve ser imolado e lançado ao esquecimento, ao oblivion da literatura. Tresaventuras, diria Guimarães Rosa.

*O livro, a grande companhia do homem. Não vou perguntar se o livro vai acabar com a imposição e a sedução da tecnologia. Mas por que escolas, autoridades, governos, famílias inteiras, abandonam a base do conceito educacional que é o livro?*

O livro, em si, é uma tecnologia. Como a caneta e o papel são tecnologias. São plataformas onde são anotadas e lidas as experiências, invenções, narrativas ficcionais ou reais. Plataformas mudam. Algumas perduram. Outras são substituídas. Não tenho restrição a qualquer das plataformas usadas para o produto conceitual que é o livro. Gosto do livro de papel. Gosto do livro virtual. Gosto do livro.

Mas os governos parecem estar numa batalha contra esse instrumento. Parece que é importante, para os governantes, simplificar cada dia mais o conteúdo, banalizar o conhecimento, eliminar o que dá trabalho. Ora, ler não precisa ser trabalhoso, mas a pessoa precisa ler e refletir sobre o que leu. Será isso muito penoso para as

nossas crianças? Parece imperar a cultura de que é preciso poupar as gerações. Poupar de quê? Do entendimento, da razão, do juízo, da crítica, da escolha? Pois se é isso que os livros ajudam a fazer....!

Alegando falta de dinheiro, governos federal e estaduais deixaram, há dois anos, de comprar livros em escala para distribuir nas escolas. Ao mesmo tempo, livros enviados para as escolas ficam empacotados em depósitos, não chegam às mãos das crianças, isso quando não são encontrados no lixo. São os governos que não fiscalizam a distribuição, os professores que não querem ter trabalho, as famílias que não participam da gestão das escolas? De quem é a culpa? Não sei. O que sei é que, quando uma criança é orientada a ler, a enxergar o livro como amigo, cheio de histórias que iluminam a imaginação e com isso abrilhantam o cérebro e alma, cresce como pessoa e como agente transformador do seu meio. É exagero achar que há uma conspiração concertada contra a inteligência nacional ou é apenas descaso, preguiça e irresponsabilidade? Ou será, ainda, que tem gente que ganha dinheiro com o desvio dos livros?

O livro pode estar em papel, em celulares, manuscritos nas lousas ou gravado na voz dos contadores. Mas tem que estar.

*O que se encontra nas prateleiras das livrarias consumido com um certo desespero pelas pessoas, com a perda de espaço dos romances clássicos, vale a pena ser lido? Você, estudioso de nossa cultura literária, tem condições de analisar este quadro.*

Os clássicos precisam ser lidos. Cervantes produziu o romance que estabeleceu por escrito a língua espanhola como ela é hoje. Camões produziu o primeiro livro que consolidou o português como o idioma que é hoje. E podemos seguir mundo afora com exemplos semelhantes, em pioneirismo, criatividade e qualidade. Mas...

Há novos autores. Gente que trata do universo urbano contemporâneo, que registra o que se passa na sociedade, dentro de casa, no bairro, na paróquia. São testemunhos que precisamos observar para entender a contemporaneidade. Há, menos, agora que o regionalismo virou brega, alguma produção literária sobre a nossa cultura rural ou de pequenas cidades. Esses olhares são lanternas viradas para becos que não enxergamos ou não queremos enxergar. No entanto, são observações complementares para a nossa compreensão do universo que nos cerca.

Há maus autores novos. Como há maus autores velhos que o tempo apagou da nossa memória. Sim, pessoas que consideram que apenas a intuição basta para fazer um escritor. Não é assim. Seja qual for o gênero, a pessoa precisa estudar a linguagem, o instrumento e o produto da literatura. Literatura é linguagem – tempo, espaço, personagens, enredos importam apenas como condutores da linguagem que seduz, contagia e nos move.

Há bons autores novos. Como há bons autores novos que precisamos conhecer. Se ficarmos adstritos aos clássicos, perderemos a oportunidade de encontrar gente

que com linguagem inteligente, criativa e envolvente, nos leva a enxergar o que ainda não tinha sido visto.

Portanto, melhoramos nosso gosto literário pela leitura. Dons bons e dos maus. Com o gosto mais apurado, passamos a selecionar pela qualidade. Dos clássicos ou dos novos. É assim. A gente lê, vai desvendando o mundo e o mundo se nos reaparece com outra cara, melhor, mais variado, mais democrático.

*Joaquim, o amor é uma bobagem?*

Bobagem, deixe ver direito o que é isso... Aquilo que nasce ou resulta do bobo. A palavra se origina do latim *balbus*, que quer dizer balbuciante, gago, tartamudo. Como evoluiu essa ideia na língua portuguesa: associou-se o defeito da fala a um possível defeito da inteligência. Ou seja, bobo pode ser aquele acometido de um deslumbramento que o faz perder por momentos o nexos da fala. Bobo de amor. Ou bobo da corte, talvez, aquela figura que fazia rir, e ganhava simpatia, porque se permitia rir de si mesmo? Ou bobo no sentido de que o apaixonado, o amoroso, não segue a lógica cerebral e fria que se espera de quem se comporta sem o arrimo do amor? Ou, então, bobo no sentido daquele que só faz ou diz coisas desinteressantes? Desinteressantes para quem?

Bobagem não é tolice. O tolo é o sem juízo, o disparatado. Então, o amor não é tolo. Pode ser bobo? Pode.

Sim, no sentido absoluto, no sentido do entendimento geral, o amor pode se manifestar em atitudes bobas. E que deliciosa bobagem é estar inebriado de amor ao ponto de perder a fala, perder a noção, perder o senso.

O amor nos eleva. Para acima do mundano, do certinho e arrumado. Amorando, namorando, ficamos menos intoxicados das hipocrisias sociais. Ficamos menos vulneráveis aos olhares censores ou perscrutadores. Ficamos nós mesmos. Bobos, bobos, como devíamos ser, sempre.